

Candidatos a governador disputam legenda do PRN

MARIA ROSA COSTA

Mal refeito dos ataques recebidos de seus adversários no primeiro turno, Fernando Collor de Mello volta a ser alvo de outro tipo de disputa, a dos governos estaduais, cobiçados por praticamente todos os políticos que a ele se aliaram.

As articulações individuais começaram logo que definida a vantagem de Collor sobre os demais concorrentes, na noite de quarta-feira. E com tal insistência, que o candidato deixou de atender às chamadas telefônicas em que o interlocutor dizia-se interessado em cumprimentá-lo pelo desempenho.

Em algumas vezes, a iniciativa partiu de vários candidatos a candidato no mesmo estado. Eles serão pesados na primeira fase da triagem prevista para depois do segundo turno. O resultado final, porém, vai depender dos primeiros meses de governo, se Collor chegar lá, e das alianças fechadas ao longo do caminho.

"As questões regionais devem aguardar o tempo certo. Estamos agora tratando da Presidência da República", afirmou o coordenador de imprensa, Cláudio Humberto.

O deputado José Carlos Martinez já iniciou as articulações para sair candidato, por enquanto "com apenas ele próprio", como afirma o coordenador do sistema de fiscalização e apuração de Collor, deputado Alcenir Guerra, também pretendente. "Ele é candidato dele mesmo". Alcenir diz que o nome sairá do grupo formado pelos ex-governadores Jaime Canet e João Elísio, ambos sem partido; o prefeito de Curitiba, Jaime Lerner (PDT) e o novo aliado, senador Affonso Camargo (PTB).

"Todos que se comprometerem com o programa de governo de Fernando Collor são bem-vindos. Os problemas regionais serão decididos democraticamente", tenta apaziguar o presidente do PRN, Daniel Tourinho. Os pretendentes mais fortes são de outros partidos, como é o caso do senador José Agripino Maia

(PFL-RN), ex-governador do Rio Grande do Norte, que se diz impossibilitado de fugir à convocação feita pelas bases para que retorne ao cargo no próximo ano.

Collor terá que decidir entre ele e o deputado Flávio Rocha, que participou da campanha já na condição de candidato. Agripino, fiel à oposição que mantém com os Alves no estado, representados pelo apoio da deputada estadual Ana Catarina e do deputado federal Ismael Wanderley, ambos do PTR, filha e genro do ex-ministro Aluizio Alves, dispara: "Eles estão tão fracos, que lançaram um candidato do outro partido", referindo-se ao fato de que eles estariam apoiando Rocha.

A briga em Minas Gerais começou há três meses, quando o deputado Hélio Costa passou a encrencar com a vice-governadora Júnia Marise, enquanto ela procurava se distanciar da deputada Márcia Kubitschek, disposta a transferir seu domicílio eleitoral do Distrito Federal para o estado. Os três são candidatos ao Palácio da Liberdade sob a proteção de Collor. O fato do vice Itamar Franco ter tido Lula como vencedor em Juiz de Fora, onde foi prefeito duas vezes, reduz o seu cacife na seleção. Collor ficou em segundo lugar, com 47.102 votos, e o candidato do PT com 49.203 votos. Hélio Costa e Júnia Marise correm o risco de substituir as farpas trocadas até agora por reações de maior efeito, mesmo percebendo que o sobrenome Kubitschek vai pesar mais na disputa do que os votos que eles pensam terem levado para o candidato.

CEARÁ

A situação no Ceará dependerá do governador Tasso Jereissati, que desistiu na última hora de apoiar Collor, passando para Mário Covas. O candidato do PRN volta a buscar sua adesão e esta, naturalmente, não se fará à revelia da indicação de seu sucessor. Enquanto não chegar lá, o cargo é do ex-governador do Ceará, Adauto Bezerra (PFL), hoje

dividido entre seus correligionários, deputados Luiz Marques ou José Lins.

Collor terá em Sergipe a situação ideal, com apenas um candidato de peso, o senador Albano Franco, sem partido, fortalecido pelo envolvimento de seu futuro adversário, o ministro João Alves, no lançamento da candidatura de Sílvio Santos. Ao contrário do que ocorrerá no Rio de Janeiro, onde não dispõe de nenhum nome expressivo para concorrer contra a avalanche de votos deslanchada sobre Leonel Brizola agora. Collor está cercado por dois pretendentes, os deputados Rubens Medina e Nelson Sabra, do PRN, que pouco ajudaram o candidato. A terceira saída é um acordo no segundo turno com o governador peemedebista, Moreira Franco, que passaria a tutelar a indicação do seu sucessor. Arranjo este capaz de se repetir em São Paulo, onde a vontade do governador Orestes Quêrcia em atrapalhar a candidatura dos tucanos, seja de Mário Covas ou de Fernando Henrique, justificaria a aproximação com o candidato do PRN.

A campanha do ex-governador Gilberto Mestrinho já em curso para retornar ao Palácio Rio Negro vai dificultar a iniciativa do atual governador **collorido**, Amazonino Mendes (PDC). O único nome capaz de barrar Mestrinho, hoje seu desafeto, seria o do deputado Bernardo Cabral (PMDB), em toda a campanha sempre simpático ao candidato Collor.

Se valer o lado pessoal, Collor fará do empresário Paulo Octávio o seu candidato ao governo do Distrito Federal, a não ser que ele se contente com o mandato **tampão** entre março e novembro, quando Joaquim Roriz deixar o governo. Isto facilitaria a indicação de outro empresário, Luiz Estevão, cuja campanha subliminar feita até aqui com a campanha antidrogas e a aceitação à taxaço sobre as fortunas, como pretende o deputado Antônio Mariz (PMDB-PB) — conseguiria render mais votos.